

**UNIÃO
NACIONAL
DOS
ESTUDANTES
A
SERVIÇO
DO
COMUNISMO**

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

M543 *Cristo, Escriba de, 1969 – U.N.E. a serviço do Comunismo*

Itariri, Amazon.com

Clubedesautores.com.br, 2019 104 p. ; 21 cm

ISBN- **ISBN:** 9781691738632

Edição 1º

1. Comunismo 2. Ética 3. Ideologia 4. Educação

5. Associações 6. U.N.E.

CDD 170

CDU 17 / 291

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CGC 66.504.093/0001-08

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente

não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo Senac de Santos, reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>
<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

ÍNDICE

Introdução

I — O que é a UNE

II — Pequeno histórico da UNE

III — 1949, ano de definição da UNE IV —

UNE volta a ser notícia em 1956

V — A UNE se declara fundamentalmente política

VI — Ainda a greve do terço e sua fundamentação ideológica VII — Catequese estudantil comprovada em inquérito

VIII — Congresso de Quitandinha pratica arbitrariedades

IX — Conclaves estudantis internacionais são dirigidos por Moscou

X — ISEB alicia estudantes e orienta a UNE

XI — ...e os poderes da república patrocina o festival subversivo

Conclusão

INTRODUÇÃO

A União Nacional dos Estudantes é uma das tantas instituições que foram locupletadas pelos comunistas e esquerdistas com ideologias ateístas, anticristãs e contra a ordem, a moral e a hierarquia, defendendo pautas que destroem o caráter nacional, o amor, a família patriarcal e com mensagens progressistas que sempre defendem bandidos, favorecerem ao consumo de drogas, a matança de crianças no útero da mãe. Caos, desordem, roubo institucionalizado, desrespeito a propriedade privada, isto é a essência da esquerda, uma doutrinação propagada pela UNE, não somente para enganar os estudantes, mas toda a nação brasileira.

Neste nosso trabalho iremos incorporar a obra-prima sobre a U.N.E. que são as famosas 15 reportagens de Sonia Seganfreddo que viveu no coração deste movimento estudantil que há décadas virou covil de comunistas, tornando as universidades federais em redutos de psicopatas, comunistas e drogados, gente sem

Deus... pelos menos é o que a U.N.E. tenta transformar as universidades federais.

Sonia Seganfredo revelará as entranhas da União Nacional dos Estudantes e Diângeli Soares faz um bom esboço do movimento estudantil de Direita que ajudou a impedir dos comunistas tomarem o poder no Brasil na década de 1960:

As mulheres tiveram importante participação nas movimentações políticas que antecederam a deposição de João Goulart. Unindo os valores cristãos e a defesa da família à luta anti-comunista, a Dona de Casa urbana foi eleita, pelas forças de Direita, símbolo da oposição ao governo. A ela cabia combater o comunismo ateu e evitar que seus filhos se desviassem da moral e da ordem, como conta Mateus Gamba Torres, em seu artigo “Lutar para manter, lutar para romper: As mulheres e a Ditadura Militar brasileira”. Algumas das siglas que exemplificam a participação feminina neste período são a CAMDE – Campanha da Mulher pela Democracia, a LIMDE – Liga da Mulher pela Democracia e a UCF – União Cívica Feminina.

Dentro do espectro da atuação estudantil, destaca-se uma coletânea de artigos escrita em 1962, pela estudante de filosofia da Universidade do Brasil (hoje UFRJ), Sonia Seganfredo. Sonia conta que ingressou no curso pré-vestibular da Faculdade Nacional de Filosofia em 1958, tendo, desde então, contato com o que chama de “catequização comunista”, empreendida por professores e elementos infiltrados da UNE. Em 1962, após anos de embate com a esquerda estudantil, Sonia rompe com o movimento grevista que visava a conquista de um terço das vagas nos conselhos universitários para representação estudantil. Era a famosa “Greve por 1/3”, conduzida pela UNE, no final da marcante gestão de Aldo Arantes

Após romper com a Greve por 1/3, Sonia foi convidada pelo jornalista Paulo Vial Corrêa, para escrever uma série de artigos sobre “a propaganda e a atividade comunista no meio estudantil”. Nascia assim, a série de 15 reportagens publicadas sob o título de “UNE – Menina dos olhos do PC”, que no ano seguinte viria a dar origem ao livro “UNE – Instrumento de Subversão”. O livro de

Sonia Seganfreddo foi publicado pela Editora GRD, de Gumercindo Rocha Dórea, antigo diretor dos Centros Culturais da Juventude, organização que tinha o Integralista Plínio Salgado como seu Presidente de Honra. A GRD publicou também livros em parceria com o IPES – Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais e diversos títulos pró-golpe, após a instalação da Ditadura Civil-Militar no Brasil.

O livro de Sonia pode ser dividido em três partes. Na primeira, a autora faz uma introdução, apresentando a União Nacional dos Estudantes como uma organização política, que age a serviço do comunismo internacional e cujas atividades nada tem a ver com a real e legítima representação estudantil. Para expor suas idéias, Sonia se vale de sua própria experiência junto à esquerda universitária, desde o seu ingresso no curso pré-vestibular da Universidade do Brasil. Ao expor sua trajetória, a estudante acaba revelando também elementos importantes de sua forma de ver o mundo, o que contribui para que o leitor compreenda de onde partem muitas de suas críticas. Neste sentido, um dos elementos mais marcantes que Sonia “deixa escapar” é a compreensão

que tem do papel da mulher na sociedade e do que é, ou não, adequado para o seu gênero. Em suas próprias palavras, Sonia exemplifica:

“(...) obrigada a participar da arruaça contra o BNDE, recusei-me determinantemente, alegando que não era aluna da Faculdade, não conhecia a questão e nem considerava próprio moças participarem de movimentos de rua”

“Nas assembleias universitárias os elementos comunistas sempre estão presentes e conseguem tomar conta dos trabalhos devido à persistência e ‘enrolação’ que adotam. (...) Os democratas na hora da votação não estão mais na assembleia, devido ao adiantado da hora, principalmente em se tratando de moças.”

“A aluna esquerdista é de grande importância na escola para a obra de catequese. Quando bonita, atrai os rapazes por meio de atitudes masculinas de absoluta independência, concedendo-lhes toda a série de facilidades e participando de noitadas alegres.”

Sonia também caracteriza a UNE como uma entidade que inverte valores morais e agride instituições como a família e o matrimônio:

“Quando a confiança entre mestre e discípulo é absoluta, entra a parte moral. Família, sociedade, casamento são meios de impedir a verdadeira evolução social. São hábitos burgueses que devem ser abolidos.”

Já na segunda parte do livro, a autora faz um competente trabalho resgate da história da União Nacional dos Estudantes. Com base em Relatórios de Gestão, boletins oficiais da UNE e de matérias publicadas na imprensa, Sonia reconstitui os passos da entidade, desde a sua fundação em 1937, a partir da Casa do Estudante do Brasil. Sonia exalta a origem da UNE e o caráter “apolítico” que marcou os seus primeiros anos. Uma das primeiras deliberações da recém fundada agremiação foi a proibição às referências político-partidárias, durante as reuniões do Conselho Nacional dos Estudantes. Este fato é destacado pela estudante.

Esta parte do trabalho de Sonia, que se desenvolve ao longo dos artigos II, III, IV e V, é de grande

valia para todos que se interessam pela história do Movimento Estudantil. Ainda que a narrativa esteja impregnada da visão política de Sonia (qual narrativa não está?), a reconstituição histórica da UNE se dá de forma consistente, com fontes fidedignas e boa sistematização cronológica. E com uma vantagem: Olhar 25 anos de história no passado é mais fácil do que olhar 70. Por mais que consultemos hoje personalidades da época, a riqueza dos detalhes e clareza acerca de como determinados fatos se ligaram entre si, de forma a constituir um processo lógico, capaz de explicar fenômenos políticos, se perde com o tempo. Assim, Sonia deixa nestes artigos, uma contribuição que acaba extrapolando a mera função de instrumentalizar aqueles que compõem o seu espectro ideológico.

Na terceira e última parte, Sonia se dedica à uma narrativa mais pormenorizada dos eventos da Greve por 1/3 e de outros acontecimentos que marcaram a conjuntura política do Movimento Estudantil nos anos de 1961 e 1962. É neste momento que a autora desenvolve de forma mais aprofundada a tese-título do livro,

correlacionando os dirigentes da UNE à Cuba e ao Governo brasileiro, principalmente através do ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros. O ISEB, convém explicar, era um órgão autônomo, ligado ao Ministério da Educação, que foi criado em 1955, com o intuito de estabelecer no Brasil, um centro de estudos capaz de produzir conhecimento de alto nível, à exemplo de Institutos já existentes na Europa e nos Estados Unidos. Politicamente, o ISEB servia como centro difusor do desenvolvimentismo nacionalista de Juscelino Kubitchek e abrigava alguns elementos de inclinação socialista em seu interior.

A denúncia da linha política adotada pelo ISEB e de sua relação com a UNE – Sonia destaca que os Presidentes do ISEB sempre se faziam presentes nas manifestações promovidas pela entidade – além das críticas feitas ao apoio financeiro que o governo dava para as peças “subversivas” do recém criado CPC – Centro Popular de Cultura e para o envio de delegados à congressos estudantis internacionais “dirigidos por Moscou”, alinham as críticas de Sonia ao intento golpista de outros setores da sociedade, como o IPES e o IBAD.

Afinal, Sonia aponta a UNE como um dos mais poderosos instrumentos de infiltração comunista no Brasil e a liga diretamente ao governo que os golpistas tentam derrubar. Assim, a propaganda Anti-UNE de Sonia, acaba se inserindo em um processo muito mais amplo de disputa social, que culminará no regime supressor das liberdades que se instalará no país após 64. (1)

SONIA SEGRANFREDDO

U.N.E. INSTRUMENTO DE SUBVERSÃO 1963

INTRODUÇÃO

Por que escrevi uma série de reportagens sobre a União Nacional dos Estudantes denunciando-a em suas atividades subversivas? Eis a pergunta a mim dirigida, muitas vezes, por amigos, principalmente colegas e

professores, preocupados com a repercussão que minhas afirmações pudessem encontrar mesmo nas esferas governamentais. Escrevi as reportagens, ora apresentadas em livro, por uma questão de responsabilidade, de conhecimento, de vivência e, acima de tudo, com a sadia pretensão de esclarecer, na medida do possível, à grande maioria de estudantes desinteressados e ingênuos que, sem saber por que o fazem, auxiliam as manobras de elementos regidamente pagos para agitarem o panorama universitário em particular e a Nação em geral.

As atividades da UNE me preocupam devido à minha formação democrática autêntica. Democracia é dinamismo, é responsabilidade, é a possibilidade de errarmos, aprendermos e corrigirmos os erros. O Estado Democrático tem as suas obrigações para com o povo e, quando estas obrigações são esquecidas, e uma casta dirigente exorbita em seus direitos, propiciando a miséria e o desespero em seus comandados, a situação torna-se perigosa. Idéias contrárias à formação humanística e cristã de um povo encontram, neste mesmo povo, abrigo seguro e possibilidades de evoluírem, culminando na

mudança violenta de uma estrutura estatal e social. Por isso é preciso que tenhamos cuidado. No Brasil o erro está em nossa democracia de fachada, deteriorada por arbitrariedades, desumanismo e ignorância, muita ignorância. É preciso que corrijamos o erro. Tal não encontra solução, entretanto, em doutrinas importadas e, sob certos aspectos, piores que a mais corrupta das democracias. É necessário, isso sim, uma consciência nacional — soma das várias consciências individuais — que desperte do eterno sono em que está mergulhada há muitos anos. À juventude compete a tarefa de lutar e, futuramente, galgar os postos de mando da Nação. E é na juventude, revolucionária por natureza, e desencantada com a irresponsável democracia brasileira, que se incute idéias e técnicas marxistas-leninistas ao invés de esclarecê-la e animá-la para a reconstrução de um Brasil melhor, mais humano, formado por homens dignos e responsáveis. Por homens que compreendam a sua verdadeira situação histórica: viverem livres e serem úteis à comunidade.

A UNE representa uma juventude inconsciente. Suas atividades não preocupam às autoridades do país,

que apenas em épocas de agitação ou greve resolvem tomar atitudes de pseudo-autoridade, acabando, logo, por oferecerem, aos líderes estudantis, todas as regalias e proteções. A UNE, esta é a verdade, tornou-se uma das maiores células do comunismo internacional instalada em nosso território, servindo, os seus elementos, aos agentes bolchevistas, de quem, provavelmente, recebem dinheiro, pelos caminhos mais diversos... A entidade estudantil, portanto, constitui-se num problema de segurança nacional.

Agora nos anos de 2019 estamos vivendo o mesmo perigo, talvez ainda pior, as Universidades Federais se tornaram antros de esquerdistas. As universidades federais se tornaram recintos pesados, de clima hostil.

O mais lamentável é a apatia da grande maioria dos estudantes de formação democrática, mas envenenada pelo excesso de propaganda de uma entidade que, de direito, representa os universitários brasileiros. Esta maioria compactua, por desconhecimento ou medo de ser tachada de “reacionária”, com os ideais de um pequeno número de

estudantes, muitos dos quais profissionais que passam a vida em universidades, na catequese de jovens ao credo vermelho.

Quando decidi entrar na Faculdade Nacional de Filosofia, outros interesses me moviam. Escolhi o curso de Filosofia por entender que uma formação filosófica possibilitaria a concretização de meus planos, referentes à literatura musical. Assim, em agosto de 1958 me matriculei no Curso Pré-Vestibular da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, quando, imediatamente, passei a sofrer a pressão catequética dos professores do Pré-Vestibular, alunos da Faculdade, liderados pelo Prof. Álvaro Borges Vieira Pinto, o catedrático de História da Filosofia.

Lamentavelmente tive que recomendar minhas filhas a fazerem faculdades particulares para evitar a doutrinação nas universidades federais. Os cursos de licenciaturas são os mais doutrinadores do pensamento de esquerda. Eu mesmo me formei em licenciatura em História pela Unimes e tive desavenças freqüentes com professores, a qual eu algumas vezes chamavam de soldados soviéticos. Lógico que era odiado pelos